



**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil

4

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

ORDEM E PROGRESSO

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 4

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M644 Militância política e teórico-científica da educação no Brasil
4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Airã
de Lima Bomfim. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-499-3
DOI 10.22533/at.ed.993202610

1. Educação. 2. Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes
da (Organizador). II. Bomfim, Airã de Lima (Organizador). III.
Título.

CDD 370.981

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do Novo Coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

O contexto pandêmico tem alimentado uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia tem escancarado o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste Volume 04 de ***“Militância Política e Teórico-Científica da Educação no Brasil”***, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente.

Este livro, ***Militância Política e Teórico-Científica da Educação no Brasil***, reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados brasileiros e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse Volume 04 são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESENVOLVIMENTO DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DA LEITURA DE GIBIS	
Luandra Celita Ferreira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9932026101	
CAPÍTULO 2	7
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO PIBID NA ESCOLA ESTADUAL CELSO FERREIRA DA CUNHA	
Erica Bruna Chrisosthemos Teixeira	
Juliane Amorim de Souza	
Antonio Ferreira Neto	
DOI 10.22533/at.ed.9932026102	
CAPÍTULO 3	16
O BRINCAR SEGUNDO A PEDAGOGIA WALDORF: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO CRIANÇAS DE LUZ, EM CANOA QUEBRADA/CE	
Helen Flávia de Lima	
Patrícia Marques da Silva	
Flaviane dos Santos Rocha	
Erisvânia Silva dos Anjos	
Assunção Oliveira de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9932026103	
CAPÍTULO 4	33
SEQUÊNCIAS DE ENSINO INVESTIGATIVO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E LÚDICA COM ALUNOS DO 1º ANO INICIAL DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA	
Lindéia Alves Saraiva Pavioti	
DOI 10.22533/at.ed.9932026104	
CAPÍTULO 5	45
ENSINO HÍBRIDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MANAUS-AMAZONAS	
Andrea Sebastiana do Rosário Cavalcante Machado	
Joelma Monteiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9932026105	
CAPÍTULO 6	55
A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO ESTADO DE MATO GROSSO FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE ESPANHOL	
Cristiane Montes de Novais	
Edson Gomes Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.9932026106	

CAPÍTULO 7	65
“ESCREVE AÍ” - REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM COMO EIXO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA PRÉ-ESCOLA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO	
Déborah Carneiro Saboya	
DOI 10.22533/at.ed.9932026107	
CAPÍTULO 8	76
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES VEICULADAS NA REVISTA <i>NOVA ESCOLA</i> (1996 – 2006)	
Júlia Zago Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9932026108	
CAPÍTULO 9	88
COACHING REVERSO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROEJA	
Roberto Valmorbida de Aguiar	
Ivete Scariot	
Roger Nunes Fagan	
Morgana Karin Pierozan	
DOI 10.22533/at.ed.9932026109	
CAPÍTULO 10	98
MERCADO DE INFORMÁTICA DE MANACAPURU/AM – UM BREVE HISTÓRICO	
Benjamim José Pereira Moraes Dias	
Fábio Teixeira Lima	
Gernei Góes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.99320261010	
CAPÍTULO 11	110
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID À CARREIRA DOCENTE	
Flávia Nobre Pereira	
Vanessa Schwanz	
Antônio Ferreira Neto	
DOI 10.22533/at.ed.99320261011	
CAPÍTULO 12	118
EDUCAÇÃO PÚBLICA – DO ENSINO MÉDIO AO ENSINO SUPERIOR: APRESENTANDO A UNIOESTE AO COLÉGIO HORÁCIO RIBEIRO DOS REIS	
Cristiane de Oliveira	
Gabriela Schilienwe	
Kamila Borges	
Nicole Inaê de Oliveira	
Liliam Faria Porto Borges	
DOI 10.22533/at.ed.99320261012	

CAPÍTULO 13.....	132
INFÂNCIA LÚDICA E TECNOLÓGICA: OU AS NOVAS EXPERIÊNCIAS DA CRIANÇA	
Luiz Antonio Feliciano	
Maria Cristina Marcelino Bento	
Ana Livia Espíndola Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.99320261013	
CAPÍTULO 14.....	144
EM BUSCA DA IDENTIDADE FAMILIAR	
Bruna Natália Picolli	
Andreia Eduarda Molosse	
Gisele Brandelero Bergamin	
Karina Maria Kuczmariski	
DOI 10.22533/at.ed.99320261014	
CAPÍTULO 15.....	150
USO DO SOFTWARE <i>SCRATCH</i> COMO APOIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
Flaviana Lopes Cruz	
Francieslen Barbosa Viana	
Lucas Philipe Correa Tavares	
Sandro da Cruz Maruxo	
Genarde Macedo Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.99320261015	
CAPÍTULO 16.....	159
A GESTÃO DE INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE CIBERCULTURA	
Josiane Carolina Soares Ramos Procasko	
Lucia Maria Martins Giraffa	
DOI 10.22533/at.ed.99320261016	
CAPÍTULO 17.....	167
PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DESCRITOS NOS CADERNOS DO ACERVO MARIA FRANCA PIRES	
Maria Sandra Batista da Silva	
Erisvânia de Souza Costa	
Ronailde de Souza e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.99320261017	
CAPÍTULO 18.....	177
TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO APLICADA AO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÕES EM UMA IES EM BELÉM DO PARÁ	
Andréa Cristina Marques de Araújo	
Luis Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.99320261018	

CAPÍTULO 19	199
OS JOGOS PEDAGÓGICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alessandra Degaspari	
Andréia Osti	
DOI 10.22533/at.ed.99320261019	
CAPÍTULO 20	210
EDUCAÇÃO POPULAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ATUANDO COMO EDUCADOR EM UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO E DE AUTOGESTÃO	
Rebeca Mello Chaves	
Gabriel Penna Kramer Lima	
DOI 10.22533/at.ed.99320261020	
SOBRE OS ORGANIZADORES	217
ÍNDICE REMISSIVO	218

INFÂNCIA LÚDICA E TECNOLÓGICA: OU AS NOVAS EXPERIÊNCIAS DA CRIANÇA

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 06/07/2020

Luiz Antonio Feliciano

Universidade do Estado de Minas Gerais
Frutal – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/8435289209349549>
<http://orcid.org/0000-0001-9316-6883>

Maria Cristina Marcelino Bento

Centro Universitário Teresa D'Ávila
<http://lattes.cnpq.br/7723002210560216>

Ana Livia Espindola Ferreira Gonçalves

Faculdade Canção Nova
Cachoeira Paulista – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/2814326945792695>

RESUMO: Atualmente, as experiências ganharam outras roupagens, outras relações, outros jogos, outras interações, outros condicionamentos. A tecnologia foi fundamental nessas mudanças principalmente as que se relacionam com as vivências do cotidiano. Nesse cenário, as experiências da infância têm, igualmente, novas configurações, por ser uma geração que nasce mergulhada nas tecnologias digitais? A partir desse questionamento, o objetivo do trabalho se concentrou em problematizar as experiências da infância, sobretudo, com a inserção da tecnologia na sua cotidianidade. Objetivou-se também fazer um mapeamento dos tipos de brincadeiras mais aceitas pelas crianças atualmente e discutir as interferências tecnológicas na relação da criança com o mundo. O estudo transitou pelo

universo da antropologia, amparado pelo método etnográfico, e desenvolveu-se com duas turmas do 3º ano do ensino fundamental I, de um colégio particular e um colégio público, localizados em uma cidade do Vale do Paraíba, interior do Estado de São Paulo. Tem-se como resultado, a evidência de que o brinquedo de preferência, quase por unanimidade, são os dispositivos eletrônicos, como *tablets*, celulares ou, mesmo, computadores. Esta prática, quando comparada com os modos de desenvolvimento infantil de outras épocas, mudou em muitos aspectos. O estudo mostrou-se importante por propiciar um olhar sobre as experiências da infância de dois grupos diversos, cultural e socialmente, que, acredita-se, reverbere em outros espaços sociais; e, ainda, os novos modos de sociabilidades que surgem com o advento das tecnologias informacionais. Espera-se que os resultados e as discussões possam contribuir para outras problematizações concernentes ao universo da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, experiência, tecnologia, escola, sociabilidade.

PLAYFUL AND TECHNOLOGICAL CHILDHOOD: OR THE NEW EXPERIENCES OF THE CHILD

ABSTRACT: Currently, experiences have gained other guises, other relationships, other games, other interactions, other conditions. The technology was fundamental in these changes, especially those related to everyday experiences. In this scenario, do childhood experiences also have new configurations, because it is a generation that is born immersed

in digital technologies? From this questioning, the objective of the work focused on problematizing the experiences of childhood, especially with the insertion of technology in their daily life. The objective was also to map the types of games most accepted by children today and to discuss the technological interferences in the child's relationship with the world. The study moved through the world of anthropology, supported by the ethnographic method, and was developed with two classes of the 3rd year of elementary school I, of a private school and a public college, located in a city of Vale do Paraíba, State of São Paulo. As a result, there is evidence that the toy of preference are the electronic devices, such as tablets, mobile phones or even computers. This practice, when compared to the modes of child development of other times, has changed in many ways. The study proved to be important for providing a look at the childhood experiences of two diverse groups, culturally and socially, which, it is believed, reverberate in other social spaces; and, still, the new modes of sociability that arise with the advent of informational technologies. It is hoped that the results and discussions may contribute to other problematizations concerning the universe of childhood.

KEYWORDS: Childhood, experience, technology, school, sociability.

1 | INTRODUÇÃO

O olhar sobre o cotidiano das cidades permite perceber que as coisas têm mudado, nos últimos anos. As experiências ganharam novas roupagens. Não que as velhas maneiras de se viver tenham sido abandonadas. Ao contrário, outras formas diferentes se juntaram às antigas e propiciaram diferentes modos, ainda mais complexos, de relacionar-se com a realidade que se apresenta. As relações, os jogos, as interações, os condicionamentos, todos com novos realinhamentos. A sociedade como um todo tem passado por essas mudanças. Independente da faixa etária, do credo, da raça, do gênero, todos têm se resvalado, de algum modo, nas mudanças sócio-política-culturais pós-moderna. A tecnologia foi fundamental nessas transformações, sobretudo, nas relacionadas à produção de imagem e à transmissão de informação. A vida é tão fugaz que as pessoas não se dão conta da rapidez com que o cotidiano se esvaece e escorre por entre os dedos. Tudo é tão efêmero que os instantes se atropelam atrás do momento seguinte. A obsolescência é a palavra de ordem, pois a celeridade se entranha cada vez mais na sociedade esvaída. Diante desse cenário, como se configuram as experiências da criança, por ser uma geração que nasce tecnologizada?

Por esse viés, o trabalho propôs discutir as problematizações inerentes às experiências da infância, a partir da inserção da tecnologia digital na sua cotidianidade. Para que a discussão ganhasse fôlego, outros objetivos mais específicos pautaram os direcionamentos do trabalho. Desse modo, mapear os tipos de brincadeiras mais aceitos pelas crianças, atualmente, tanto individuais como coletivos, nortearam o

caminho. E, ainda, uma discussão em torno da interferência da tecnologia na relação da criança com o mundo ressaltou a importância e a pertinência da investigação. Para se chegar aos objetivos, coletaram-se as informações a partir de observações em sala de aula, de alunos do 3º ano, do ensino fundamental I, de um colégio particular e um colégio público, da cidade de Lorena (SP). O método etnográfico, nos moldes da antropologia urbana (MAGNANI, 2002), foi o diferencial nessa busca de informações. Suas técnicas de observação e de escuta possibilitaram adentrar no universo do outro e de suas relações de forma aprofundada. Desse modo, os dados levantados, ao serem analisados, deram ao pesquisador a possibilidade de construir problematizações, a partir das suas inferências sobre os códigos e as representações do grupo estudado.

Ao partir das observações informais cotidianas do universo da criança percebe-se a necessidade de se olhar atentamente para as experiências que configuram as suas rotinas diárias. Isso traz a possibilidade de verificar como as novas tecnologias digitais estão se inserindo no dia-a-dia infantil. De posse dessa certeza, verificada informalmente, justificou-se a importância de perscrutar esse novo cenário tecnologizado, caracterizado por mudanças radicais no modo como a criança vivencia suas experiências, sobretudo do ponto de vista da ludicidade.

2 | UMA BREVE ABORDAGEM TEÓRICA

Pode-se pensar, atualmente, alguém que não tenha utilizado uma vez sequer algum desses aparelhos tecnológicos disponíveis ao alcance de todos? Com certeza, se procurarmos um pouco, encontraremos uma grande parcela da sociedade que ainda não tem acesso a tais tecnologias. Pensando bem, talvez seja melhor assim. Não estar inserido nesse mundo tecnologizado é uma possibilidade de não perder o contato com uma realidade que se apresenta e se oferece para ser vivida em toda sua intensidade. Mas existe alguma maneira de vivenciar essa realidade sem ser afetado pelas representações que nascem a partir dela? Se o homem se diferencia dos outros animais pela sua capacidade de significar o mundo, difícil imaginar que isso aconteça. Resta, então, aprender a conviver com o mundo, seja ele “real” ou representativo; ou, ainda, buscar uma essência nas representações que são oferecidas; melhor seria, talvez, se se entendesse a dinâmica do processo da construção sócio-cultural, seja ela imagética ou não. Isso permitiria entender as representações, sobretudo imagéticas, como reflexões e, não apenas, olhá-las como reflexos da realidade (MACHADO, 1984.).



Imagem1-Crianças brincam com o celular.

Foto: Daniel Feliciano

Quando se fala da fotografia há que se pensar na potencialidade do dispositivo. Uma câmera na mão dá o poder do (re) corte da realidade fotografada, a partir do ponto de vista de quem olha, através do visor ou da tela de LCD. De certa maneira, esse olhar, construído cultural, ideológico e socialmente, é oferecido como o modo de ver as coisas, a realidade, o mundo. Um olhar construído que também constrói, com o seu olhar, os outros olhares. A fotografia, segundo Ferrara (1993 apud URIARTE, 2013), é outro olhar que reconstrói, à sua maneira, o real, e que proporciona ao Outro, outra experiência perceptiva. E ainda pode ser empregada pelo usuário, como uma forma de falar daquilo que, pelo hábito, torna-se difícil verbalizar. Cartier-Bresson (2004) mais tarde começou “a olhar melhor através do aparelho”, a grande maioria das pessoas não passa das fotografias de férias, não consegue ampliar o seu mundo. Mas a fotografia, com o avanço tecnológico, se insere, ainda mais, no cotidiano das pessoas e isso acontece cada vez mais cedo. É quase impossível pensar, na atualidade, uma infância que não tenha sua experiência mediada por uma tecnologia, seja ela imagética ou de outra natureza. São inúmeras as maneiras dessas máquinas de imagens se inserirem no universo da criança.



Imagem 2- Brincadeiras em parques são boas alternativas lúdicas para as crianças.

Foto: Liu Feliciano

Nessa nova relação com a tecnologia, será que as experiências na infância têm menos substância que as experiências da infância de outrora? Se “a experiência – como diz Larrosa (2002) – é algo que nos afeta”, soltar uma pipa afeta mais que fazer o registro fotográfico ou videográfico do voo dessa mesma pipa? Se se vivencia o momento com intensidade, se é afetado por ele. Não há como voltar atrás, as máquinas de imagens vão ser cada vez mais acessadas, principalmente pelas crianças. É necessário despir-se de um saudosismo gritante, que faz supor a época de outrora sempre melhor que o tempo presente, para entender que experiência é a descoberta do novo. Descobrir o novo é possibilidade de conhecimento, como diz Paulo Freire (1997): “passar da curiosidade espontânea à curiosidade epistemológica”. Do lugar que se fala é difícil entender a experiência do outro, pois toda experiência é única. Ainda mais quando esse Outro é duas ou três gerações mais novo. Para se chegar próximo ao âmago das experiências da infância, é necessário ao adulto subir alguns degraus. As crianças estão alguns níveis acima dos adultos no quesito “encontrar essências das coisas”.

No universo infantil, a novidade é sempre constante. A toda hora aparece algo novo, uma brincadeira nova. A criança quer sempre mais, como se a insatisfação fizesse parte de todos os momentos. As diversões merecem reprise, uma repetição regular das coisas boas. No entanto, toda vez é diferente. É a mesma brincadeira, porém, com um gosto de primeira vez. Walter Benjamin diz que:

(...) *para a criança* não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes. Não se trata apenas de um caminho para assenhorear-se de terríveis experiências primordiais mediante o embotamento, conjuro malicioso ou paródia, mas também de

saborear, sempre de novo e da maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias. (BENJAMIN: 2002, p. 101. **O grifo é nosso.**)

Nas brincadeiras começam as primeiras regras de convivências, os primeiros entendimentos do mundo, os primeiros emolduramentos sociais. Essa incorporação das coisas adultas no universo da criança dá pistas da influência do Outro na construção do indivíduo. As brincadeiras da infância oferecem sempre sinais da presença adulta. Para Walter Benjamin,

(...) as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo. (BENJAMIM: 2002, p. 94).

Walter Benjamin (2002) escreve que devemos preservar os valores da infância e da juventude. Pois eram exatamente estas – enquanto “futuro da nação” – que estavam na mira da máquina de propaganda do novo regime totalitário que procurava organizar, captar, seduzir, fazer a cabeça dos jovens e pequenos, incentivando-os por todos os meios a integrarem a “Juventude Hitlerista”. Se em outrora, infância e juventude eram alvos dos interesses políticos e ideológicos do estado ditatorial, nos dias atuais, o regime mercadológico cumpre esse papel, pois a prospecção de uma potencialidade consumista lhe obriga a um investimento constante nesse futuro consumidor em potencial.

Olhar para o mundo da criança é olhar para o espaço da escola. O novo modelo de sociedade, em que a mulher tem buscado, cada vez mais, uma colocação no mercado de trabalho, sujeita a criança, precocemente, ao universo escolar. E na escola, local onde se configura uma arena social propícia à troca de subjetividades com o Outro, diferente de seus pares, a criança confronta as particularidades do seu mundo com o do Outro. Suas brincadeiras, seus jogos, seus aprendizados familiares se desconstroem e se reconstroem com o que o Outro oferece. Na mesma vertente seu aprendizado ajuda a desconstruir e reconstruir o Outro. Nessa dinâmica de alteridade, como a tecnologia se insere? São diversas as atividades que se utilizam do aparato tecnológico para seu desenvolvimento. Às vezes, as crianças recebem conteúdo, em outras, ela mesma produz esses conteúdos favoráveis ao bom andamento das aulas. Nesses casos, a produção de imagem é usada como forma de linguagem sem prévio conhecimento do seu alfabeto. As novas tecnologias oferecem diferentes formas de linguagem e a escola não dá conta de suprir as necessidades de todas. Antônio Flávio e Tomaz Tadeu (2000) apontam suas preocupações com as transformações que vem ocorrendo na natureza e na extensão do conhecimento, assim como na forma como concebê-lo.

Não incorporar uma compreensão dessas transformações à nossa teorização curricular crítica significa entregar a direção de sua incorporação à educação e ao currículo nas mãos de forças mercadológicas e de preparação de uma mão-de-obra adequada aos fins de acumulação e legitimação. (...) é importante compreendê-lo e encontrar formas de utilizá-lo de uma forma que seja compatível com os nossos objetivos de democracia, igualdade e justiça social. (Moreira e Silva, 2000: p. 33).

Não dá pra pensar a infância sem incluir na pauta a educação, assim como pensar infância e educação sugere incluir na discussão as novas linguagens que a tecnologia tem propiciado. Mais além, há que se pensar nas experiências da infância a partir das novas tecnologias. Se para Larrosa (2002, p. 25-6. **Grifos do autor.**), “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma”, a intermediação dos aparelhos tecnológicos limita essa experiência? Ou o fato de utilizar esses aparelhos é também uma maneira de ser tocado pelo ato do uso e, com isso, transformar-se, igualmente, em experiência? De fato, as tecnologias possibilitaram outras formas de ver, de agir e de sentir o mundo, isso é um convite (ou imposição) a repensar a construção dos novos sujeitos.

3 I ALGUNS PASSOS METODOLÓGICOS

Dar passos numa direção correta foi imprescindível para que os resultados aparecessem. Porém, a segurança dos dados tem se escorado apenas na certeza de uma parcialidade, pois todo conhecimento produzido é abundante em lacunas que são preenchidas em outras investidas também parciais. Características essas presentes nas ciências pós-moderna (SANTOS, 1988.). Diversas são as maneiras que a temática aventada poderia ser trabalhada. Nesse sentido, a etnografia, nos moldes da antropologia urbana, se configurou um método oportuno capaz de propiciar uma abordagem mais consistente para que se chegasse aos objetivos traçados. Suas técnicas de observação e de escuta possibilitam adentrar no universo do outro e de suas relações de forma aprofundada. Desse modo, os dados levantados, ao serem analisados, dão ao pesquisador a possibilidade de construir problematizações, a partir das suas inferências sobre os códigos e as representações do grupo estudado. Por esse viés, a coleta de informações dos pesquisados se deu a partir da entrevista. Maria Teresa Freitas (2003) auxilia nesse ponto ao dizer que a

(...) entrevista se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual se pesquisa *com* os sujeitos as suas experiências sociais e culturais, compartilhadas com as outras pessoas de seu ambiente. Assim pesquisador e pesquisado passam a ser parceiros de uma experiência dialógica conseguindo se transportarem da linguagem interna de sua percepção para a sua expressividade externa, entrelaçando-se num

processo de mútua compreensão. (2003: p. 36. **Grifo da Autora.**).

Essa é uma maneira de valorizar ainda mais as experiências vividas de cada participante da pesquisa e promover o verdadeiro encontro etnográfico. Uma abordagem que resulta intersecções e convergências que pode ser classificada como socioantropológica, assim como salienta Homobono Martínez (2003). É difícil determinar se quem desenvolve a pesquisa é um antropólogo ou um sociólogo. De toda maneira, uma abordagem nesses trâmites se caracteriza pela observação e pelo contato com os colaboradores. Uma aproximação com diálogo profundo entre pesquisador e pesquisado. Isso se faz necessário para que a quimera de uma não interferência não transforme uma conversa entre duas pessoas em dois monólogos diferentes: um do entrevistado, no momento da entrevista, e outro do entrevistador, nas suas inferências, mais tarde, sobre o material recolhido. Nessa perspectiva, a abordagem etnográfica se qualifica como a mais apropriada “pelo seu mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender” (MONTROYA-URIARTE, 2012: p. 174). O método etnográfico valoriza a pessoa e dá-lhe voz pela importância do que ela tem a dizer e não por simples caridade. É na profundidade da fala, da conversa, do diálogo que o conhecimento surge lentamente.

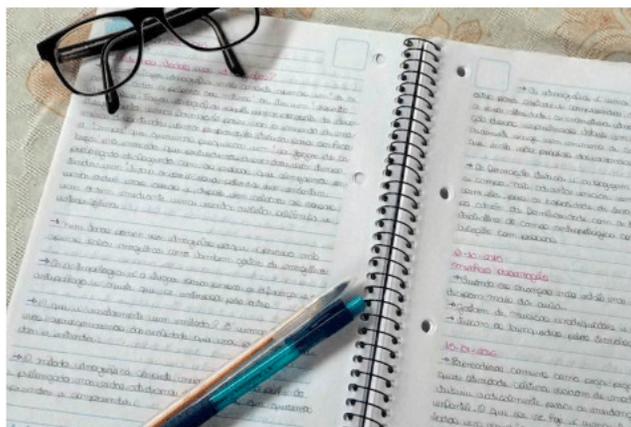


Imagem 3 - Anotações do diário de campo.

Foto: Ana Livia

Durante os meses de março e abril, de 2016, às quintas-feiras e às sextas-feiras, foram realizadas observações nas salas de aula do 3º ano, do ensino fundamental, do Colégio Particular e do colégio Público. Nesse período, foi produzido um diário de campo em que eram feitas as anotações do que havia sido

observado, durante o tempo de permanência da Pesquisadora na sala de aula. Em seguida, foram gravadas conversas com as crianças. Nesse momento, procurou-se abordar questões relacionadas às suas experiências no brincar e suas vivências no cotidiano. Ao todo foram realizadas vinte e duas entrevistas com as crianças, previamente autorizadas pelos pais, que duraram aproximadamente seis minutos. As gravações foram transcritas “sujamente”, sem prévias interpretações. De posse das transcrições, o passo seguinte foi analisar o material coletado. Uma tentativa de confrontar as observações anotadas com as falas gravadas das crianças.

4 I PARA PENSAR UMA LUDICIDADE TECNOLÓGICA NA INFÂNCIA: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

Ir ao campo é um exercício que requer muito fôlego e persistência. Ver e ouvir são procedimentos que vão se refinando a todo instante e a cada momento são detalhes mínimos que começam a tomar forma. O olhar atento do pesquisador necessita estar preparado para a surpresa que, a qualquer momento, se oferece a percepção (MAGNANI, 2002; WILLIS E TRONDMAM, 2008.). Desse modo, ir até a sala de aula, observar as crianças, permitiu que algumas páginas, com diversas anotações, fossem elaboradas. Uma coleta de dados que possibilitou informações que evidenciam as mudanças que vêm ocorrendo no modo de ser criança. Neste contexto, o mundo em que as crianças vivem está completamente ligado à tecnologia. É visível a influência dos aparatos tecnológicos no dia a dia das crianças observadas. São poucas as brincadeiras que ainda fazem parte do cotidiano de cada uma delas.

Ouvir as crianças também teve um papel fundamental por oferecer um contato direto com os olhares da infância sobre a realidade que vivem no dia-a-dia. Foram vinte e duas entrevistas, com duração média de dez minutos cada uma. As gravações aconteceram nos pátios dos Colégios, nos momentos de intervalo entre as aulas. Foram conversas que aconteceram posteriormente aos momentos de observação. Ao realizar a entrevista com os alunos, ficou evidente que o brinquedo de preferência, quase por unanimidade, está relacionado à tecnologia. Nesse caso, aparecem na lista o *tablete*, o celular e, ainda, o computador. Uma escolha motivada pela presença dos adultos (BENJAMIM, 2002.) que as envolvem. Evidenciou-se também a importância dos adultos nessa transformação. Os pais têm contribuído, significativamente, para que essas crianças criem um grande vício em algo tão pequeno, mas que as leva para outro mundo.



Imagem 4 - o contato com os aparelhos eletrônicos é constante no dia-a-dia das crianças.

Foto Liu Feliciano

Ao observar alguns alunos em seus afazeres escolares e em seus momentos livres de brincadeiras, notou-se que as crianças, por sua natureza, são curiosas. Elas anseiam por novas descobertas, novas experiências (LARROSA, 2002) e ficam vidradas com os novos desafios encontrados. No entanto, quando comparadas com os modos de desenvolvimento infantil de outras épocas, vê-se que muitos aspectos mudaram. Brincadeiras comuns como pega-pega, queimada ou qualquer atividade coletiva saíram de moda. A tecnologia contribuiu radicalmente para a mudança no comportamento infantil. O que se vê hodiernamente é uma legião de crianças isoladas em “seus mundinhos”, entretidas com aplicativos eletrônicos e desinteressadas pelas coisas reais. Uma realidade vivenciada nos dois espaços pesquisados. Alunos da escola pública e alunos de escola privada comungam das mesmas atenções e tensões frente às tecnologias.

Ao traçar um paralelo entre as leituras realizadas, as anotações feitas em sala de aula e as entrevistas gravadas percebe-se que até mesmo os brinquedos produzidos no momento atual envolve muito a tecnologia. Esse envolvimento está diretamente ligado à influência dos adultos que acabam servindo de exemplo para uma geração que, mesmo ainda pequena, está ligada em tudo que lhe interessa. Um exemplo prático disso é a expertise quase unânime nos assuntos que envolvem a tecnologia e, em contrapartida, o alto nível de confusão nos problemas de matemática. De certa maneira, o mundo adulto é sempre reproduzido no universo lúdico da criança. As escolhas são, na maioria das vezes, influenciadas pelos exemplos observados dos mais velhos (BENJAMIN, 2002). Uma realidade que se

constrói de jogo de espelhos em que os reflexos valem mais do que o refletido.

No entanto, são crianças e valem-se de uma curiosidade inerente. Um querer conhecer que se abre para um universo que garanta aprendizados novos. Quando esse saciamento não se dá pela naturalidade dos acontecimentos, as influências corroboram para que ele se satisfaça. Nesse ponto, a referência mais próxima torna-se algo a ser seguido. Novamente, os adultos passam a ser o modelo padrão a ser copiados. Muitas vezes, a tecnologia é inserida no universo da criança por ser um modo de distração e de entretenimento que auxilia na contenção dos ímpetos infantis. Nos tablets e celulares desembocam-se bons gritos e grandes correrias e a *paz volta a reinar dentro de casa*. Seduzidos em casa pela tecnologia, é questão de tempo para que a atitude reverbere em outros cantos de vivência social. Cabe aos adultos rever atitudes que abrem fendas para que a atenção das crianças se esvaia, sem pretensões de voltar.

5 | À GUIA DE CONCLUSÃO

O desenvolvimento do trabalho possibilitou um olhar mais claro sobre a infância, enquanto fase de curiosidade e busca de novidades. Contudo, a influência do Outro nos caminhos traçadas fica também evidente. Presentemente, mais que outrora, as crianças estão sujeitas a uma quantidade de informação que supera exponencialmente a armazenagem informacional da infância de vinte anos atrás. As novas tecnologias tiveram um papel fundamental nessa mudança. E, daqui para frente, elas vão estar presentes, cada vez mais, na vida de todas as pessoas, não importa a idade. Caberá à sociedade repensar formas de utilizar todos esses avanços em prol de uma transformação na qualidade de vida da sociedade, assim como, nas contribuições possíveis para a formação de sujeitos mais conscientes da potencialidade tecnológica.

Nesse sentido, é preciso discutir a presença dessas tecnologias no cotidiano das crianças para que sua utilização, por parte dos menores, não se transforme em um vício, como tantos outros que prejudicam de maneira intensa uma vivência saudável em sociedade. As crianças são curiosas e querem descobrir cada vez mais o que tem por trás de cada jogo, de cada aplicativo, de cada novidade tecnológica. Contudo, essa energia toda pode ser canalizada para uma redescoberta das brincadeiras de rua e das diversões que não necessitam dos dedos apenas para sensibilizar o *touch* de uma pequena tela. De toda maneira, não se pode exigir que tudo volte a ser como era antes, nem é mais pertinente “redescobrir a roda”, mas é preciso reeducar o modo de “brincar” das crianças e fazer com que elas enxerguem que existe um mundo real, cheio de coisas para descobrir. E se a tecnologia não contribuir para essa descoberta, então, que ela, também, não cause nenhuma

obstrução.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. In: _____. **O imaginário segundo a natureza**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SA, 2004. p. 15-31.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Terra e Paz, 1997.

FREITAS, Maria T. de A.. “A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento”. In: FREITAS, Maria T. de A.; SOUZA, Solange J. e.; KRAMER, Sonia (Orgs.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003. – (Coleção questões da nossa época; v. 107).

HOMOBONO MARTÍNEZ, José Ignacio. “Miradas socioantropológicas sobre la ciudad y sus culturas (una presentación)”. In: **Zainak**. 23, s. L., 2003, p. 19-52.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, jan./abr. 2002. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf acesso em 10 out. 2015 as 20h45.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**. Introdução à Fotografia. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, Funarte, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17, no 49, s. L., junho/2002. <http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a05.pdf> acesso em 14 out. 2015 as 13h38 min.

MONTOYA-URIARTE, Urpi. “Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas”. In: **Redobra: Tumulto**, Salvador-BA: nº 10, ano 3, 2012. p. 171-189. http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf acesso em 12 out. 2015 as 23h51.

MOREIRA, Antonio F. B.; SILVA, Tomaz T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna”. In: **Estudos Avançados**, vol.2, no.2, São Paulo, Mai/Ago. 1988. p. 46-71.

WILLIS, Paul & TRONDMAN, Mats. “Manifesto pela etnografia”. In: **Educação, Sociedade & Culturas**. nº 27, s. L., 2008, p. 211-220.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervo Maria Franca Pires 167, 172, 175

Alfabetização 3, 16, 21, 33, 34, 35, 43, 44, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 217

Alfabetização científica 33, 34, 35, 44

Aprendizagem 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 28, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 59, 69, 73, 76, 78, 79, 80, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 103, 104, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 124, 128, 129, 130, 150, 151, 157, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 180, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 212, 215

Avaliação 4, 6, 7, 8, 11, 15, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 95, 97, 129, 131, 157, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 202

B

BNCC 55, 59, 61, 64

Brincadeiras 16, 18, 19, 20, 21, 26, 28, 31, 132, 133, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 148, 208

C

Criança 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 41, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 202, 205, 206

Cultura digital 103, 109, 159, 164, 165

D

Didática 18, 33, 41, 43, 44, 53, 115, 117, 129, 156, 157, 176, 198, 199, 212, 213

Discurso de elevador 88, 91, 92, 95

Docência 1, 7, 8, 110, 111, 125, 184, 210, 212, 217

E

Educação 2, 3, 6, 8, 9, 12, 14, 16, 17, 18, 22, 23, 31, 32, 41, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 138, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 175, 177, 179, 180, 181, 186, 189, 190, 197, 198, 199, 200, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217

Educação infantil 16, 17, 18, 23, 31, 32, 44, 53, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 81

Educação popular 210, 211, 215

Educação superior 118, 121, 130, 181, 189, 190, 198, 211, 216

Ensino 1, 2, 3, 6, 8, 9, 12, 16, 17, 20, 31, 32, 33, 34, 35, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 77, 79, 80, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 139, 144, 145, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 165, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 217

Ensino de espanhol 55, 61, 62

Ensino híbrido 45, 48, 49, 50, 51, 53, 54

Ensino investigativo 33, 34, 35

Ensino médio 9, 53, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 91, 101, 114, 116, 118, 121, 123, 124, 125, 127, 130, 144, 145, 152, 158, 209, 213, 214

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 32, 40, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 63, 65, 66, 67, 70, 74, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 96, 103, 110, 111, 114, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 141, 144, 145, 147, 149, 152, 153, 157, 160, 163, 164, 166, 174, 187, 203, 207

Estágio 23, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 99, 108, 118, 124

Estudo de caso 16, 177, 180, 209

Exclusão digital 98

Experiência 1, 2, 7, 8, 12, 14, 16, 19, 21, 22, 23, 33, 65, 67, 71, 88, 91, 94, 98, 111, 116, 130, 132, 135, 136, 138, 143, 155, 183, 184, 196, 208, 210, 211, 212, 214, 217

Extensão 14, 19, 24, 118, 121, 125, 127, 130, 137, 197, 210, 211, 215

F

Família 28, 68, 124, 144, 146, 149

Formação continuada 32, 50, 55, 60, 61, 64, 86, 104, 162, 165, 187, 188, 209

Formação de professores 8, 45, 46, 53, 54, 87, 175, 206, 208, 217

G

Gestão 79, 87, 96, 115, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 177, 210, 212, 215

H

História 1, 2, 3, 10, 21, 23, 28, 32, 57, 69, 70, 71, 80, 87, 94, 100, 114, 128, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 177, 185, 195, 196

História em quadrinhos 1, 2, 3

I

Identidade 3, 18, 62, 90, 144, 145, 146, 162, 164

Inclusão social 98

Infância 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 31, 32, 65, 68, 74, 75, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 146

Interdisciplinaridade 33, 43, 44, 82

Interpretação 1, 68, 180

J

Jogos lúdicos 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14

L

Linguagem 1, 2, 5, 6, 34, 35, 46, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 82, 103, 116, 137, 138, 145, 158, 173, 193

Lúdico 7, 13, 15, 16, 33, 44, 141, 201, 205, 206, 207, 208

M

Manacapuru 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108

Matemática 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 53, 54, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 141, 145, 150, 153, 154, 173, 209, 217

Mercado de informática 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107

Metodologias ativas 88, 90, 94, 97

O

OBMEP 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 111, 114, 116

P

Pibid 1, 5, 7, 8, 9, 11, 14, 110, 111, 115, 116, 125, 217

Prática 1, 4, 7, 8, 9, 12, 20, 41, 45, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 65, 66, 67, 79, 81, 87, 93, 96, 97, 100, 110, 111, 112, 115, 116, 118, 121, 124, 129, 130, 132, 143, 153, 159, 160, 168, 169, 171, 172, 173, 175, 176, 179, 185, 188, 192, 193, 194, 201, 202, 205, 208

Pré-escola 65, 66, 67, 70, 87

Processos avaliativos 167, 172, 175

R

Recordações 144, 146

Registros 16, 18, 33, 37, 38, 67, 78, 144, 145, 146, 148, 174, 175

Revista nova escola 76, 80, 86, 87, 149

S

Scratch 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Sociabilidade 132

Sociedade da informação 177, 180

Software educativo 150

T

Tecnologia 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 88, 91, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 110, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 150, 151, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 177, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 195, 198, 209, 217

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020